

## Resenha sobre o *Camus* de L. Bove

BOVE, Laurent. *Albert Camus, de la transfiguration: pour une expérimentation vitale de l'immanence*. Col. La Philosophie à l'œuvre. Paris: Publications de la Sorbonne, 2014, 168 p.

Danilo Bilate\*

A ainda recente publicação de Laurent Bove *Albert Camus, de la transfiguration* é um belo livro. Como outros trabalhos do mesmo autor, a leitura é extremamente prazerosa, seja pelo estilo agradável e claro,<sup>1</sup> seja pela coerência da argumentação aliada à formidável capacidade de problematização filosófica e à postura teórica apaixonadamente vinculada à vida. No que se refere a esse último ponto, aliás, é preciso dizer que o subtítulo do livro é certamente mais elucidativo sobre seu teor do que propriamente o título – fora evidentemente a referência inevitável a Camus –; trata-se de uma experimentação vital da imanência e me arrisco a dizer que tal experimentação é, em verdade, de Bove, a usar amorosamente Camus como instrumento, invejável instrumento, mas não muito mais do que isso. Que não se queira concluir daí que a obra não sirva como auxílio para a compreensão do pensamento camusiano, é claro. O que digo é apenas que a sua interpretação não pretende se prender à verdade do texto, sendo antes, para repetir a expressão, uma experimentação vital *com* o texto, como deveria ser a meu ver toda interpretação filosófica, donde se explica este parágrafo já enfadonho de tão elogioso.

Passemos então à abordagem tradicional esperada de uma resenha, ainda que muito e propositadamente sucinta. O absurdo da existência humana é tema já abordado desde a introdução que o circunscreve à “imanência radical” (p.8) ou à “presença imanente da luz das coisas em um mundo privado de transcendência” e “inseparável da flama devorante da sua morte” (p.7). Esse tema já tão banalizado e, portanto, prestigiado e desvalorizado pelo mesmo prestígio, central no pensamento do “Camus autor, escritor-filósofo” (p.8) recebe aqui a atenção devida. Como com Meursault, que “se sentirá para sempre *indiferente e inocente*” – esses dois afetos próprios à toda sabedoria –, o homem

---

\* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da UFRRJ.

<sup>1</sup> Apesar de raros momentos de obscuridade estilística, como a lamentável linguagem deleuzo-heideggeriana da página 103.

do absurdo deixa-se “atravessar pela morte” (p.11), constituindo, segundo Bove, a “positividade ética imanentista que, ainda que explicitamente (e metafisicamente) recusada por Camus, *insistirá* no entanto ao longo de sua obra, se misturando de modo mais ou menos *intenso* às reflexões morais sobre a revolta até investir totalmente seu campo com o tema ontológico-político da ‘transfiguração’” (pp.13-14). Tema ou temas (o ético-ontológico do amor indiferente e o ético-político da revolta) que Bove afirma constituir o objeto principal de seu livro e, de fato, assim o é, refletindo na estrutura do texto, com duas partes para cada tema mais geral.

A primeira parte é dedicada precisamente a Meursault e trata dessa “ética da simpatia e do amor” dependente da “metafísica da imanência” (p.20) e da “filosofia da pura afirmação, próxima do epicurismo” (p.24) que Bove, de forma mais densa e detalhada, descreve assim:

Será preciso ir até o ponto de limpar o desejo humano da ilusão do Um, do Ser, do Todo, da Mãe unificadora. Será preciso liberar a vida de uma tal falta, de uma tal exigência de unidade, de ordem, de sentido, para ascender à doçura da plenitude no coração mesmo da dispersão. É para além do absurdo (da contradição vivida do desejo de unidade e da irracionalidade do mundo – e só há irracionalidade do mundo em função desse desejo) que Meursault – do seio das coordenações e das disjunções que são, com o acaso dos encontros que elas supõem, a natureza mesma das coisas – afirma de fato uma sabedoria da fraternidade do diverso (p.34).

Para Bove, Camus defenderia uma fraternidade amorosa, extremamente próxima do evangelho aliás, que independe da fantasia do Um como união imaginária a justificar a compaixão pela identificação com o outro. Tal amor fraterno se daria como a aparente contradição do amor pelo diferente por indiferença salutar que nos afasta dos afetos reativos ou ressentidos causadores da violência e da desumanização pela exploração: “Um amor sem memória nem projeto, sem fantasia nem interpretação, sem identificação nem possessão, sem transferência nem neurose... Eterno no presente e no entanto necessariamente limitado e moral: um amor trágico” (p.40). Amor trágico porque incondicional e incondicional por ser amor pela vida, modo de afetar-se positiva e alegremente pelo todo da multiplicidade, pelo Um das diferenças. Amor não outro senão o amor por si mesmo, que voltado para si ou para outrem, é amor pelo mundo, pelo destino, pelo *o que é*: “Verdade do amor da mãe, verdade de todo amor da vida, esse pelo qual nós amamos os outros com o mesmo amor ‘indiferente’ pelo qual nos amamos” (p.48).

Mas então como amar o terror? Talvez tenha sido uma questão parecida que tenha feito Bove escrever uma segunda e última parte para seu livro. Parte que aborda as questões ético-políticas imbricadas ao pensamento precedentemente exposto. Afinal, diante do horrendo, o que resta àquele que ama incondicionalmente? A revolta. Revolta que nasce do amor pelo homem. Revolta amorosa, portanto, contra a “animalização” ou esse “modelo do homem de aparelho” que preso às suas funções e “surdo ao diálogo humano” constitui o terror mesmo (p.85).

Revolta não imatura, contudo. Refletida, consciente de si, revolta que gera a resistência como a única ação política possível a quem ama: “uma *resistência afirmativa* realmente *ativa*, constituinte de história e radicalmente livre de uma lógica mortífera de dominação” (p.89). Revolta amorosa que resiste na liberdade, ativamente como criação de si mesmo e, pela fraternidade, como criação amigável com o outro: “A revolta (e a resistência que lhe é fiel) apaga, portanto, a ilusão do sujeito (autônomo ou independente) em um movimento real de identificação solidária que é uma *verdadeira criação de ser e de ser-com*” (pp.118-119).

Com a experimentação vital da imanência à qual somos convidados por Bove (e por Camus), fica essa pergunta dolorosa a nós, homens de boa vontade: neste mundo tão sofrível, de que forma resistir? Aqui o livro se encerra e o presente se abre – a nós.

Recebido em: 08/04/2017

Aprovado em: 20/04/2017